TL 3907

TIMOR LESTE

DAS AMEAÇAS À INTEGRAÇÃO FORÇADA

Após a queda do regime colonial fascista em 25 de Abril de 1974, Portugal não encarou na mesma perspectiva de descolonização as suas possessões em África e Timor Leste.

As pretensões crescentes que a Indonésia vinha alimentando perante aquele território -- passada que tinha sido a sua fase de nação anti-colonial e anti-imperialista, membro activo do Movimento dos Não-Alinhados, para um estádio de expansionismo e de política agressiva na zona - levaram Portugal, condicionado pelo sistema de alianças do Bloco Ocidental em que ambos os países se inscreviam, a seguir uma política que representava o abandono dos princípios por que se tinha norteado na proclamação das independências das suas ex--colónias em África.

É perante uma situação de ameaça e de interferência crescentes da Indonésia, concretizada por golpes de mão armada ao longo da fronteira, bombardeamentos aéreos e marítimos, apoio dissimulado à tentativa de golpe militar de 11 de Agosto de 1975 por parte da UDT -- partido político timorense que pretendia inicialmente a continuação da presença portuguesa - e perante a renúncia de Portugal e da sua administração em inflectir o decurso dos acontecimentos no sentido de garantir os direitos do povo maubere à autodeterminação, que a Fretilin proclama unilateralmente a independência, em 28 de Novembro de 1975.

Tal facto representou o pretexto para a invasão do território pela Indonésia. Invasão cujos preparativos eram anunciados desde Janeiro na imprensa australiana. A 7 de Dezembro desse ano, a aviação e a marinha de guerra bombardearam ferozmente Dili e Baucau, as duas principais cidades de Timor Leste, abrindo assim o cortejo dos actos de genocídio praticados sobre aquele povo pelo invasor e, mais tarde, ocupante.

Pouco mais de um ano depois, em Fevereiro de 1977, Adam Malik declarou 'Matámos entre 60.000 a 80.000 timorenses, mas salvámos 600.000'. Ora segundo uma missão de padres indonésios que visitou Timor Leste três meses antes destas declarações, a população sob contrôle indonésio não ultrapassava os 150.000 e o número de mortos elevava-se já de 80.000 a 100.000, encontrando-se o grosso da população refugiada nas montanhas onde resistia ao invasor.

A Indonésia isolou completamente Timor Leste do resto do mundo e o genocídio desenrolou-se ao abrigo do silêncio. Os principais representantes da CVI só foram autorizados a entrar no território em 1979. Foi-lhes permitido visitar 13 aldeias estratégicas controladas pelo exército: dos seus 75.000 habitantes, 60.000 encontravam-se num estado de subnutrição alarmante e 20.000 não poderiam já sobreviver.

Diversas tentativas indonésias para mostrar que o povo Maubere tinha escolhido a integração, mostraram-se infrutíferas. Nem o voto das 28 pessoas escolhidas pela Indonésia e constituidas em Assembleia Regional Popular, nem a integração decidida por unanimidade pela Assembleia Parlamentar Indonésia, podem ser consideradas como actos de autodeterminação do povo de Timor Leste. A sua participação nas eleições legislativas indonésias de Maio de 1982, às quais apenas se apresentaram partidos politicos indonésios e nas quais os timorenses, obrigados a participar, teriam votado em 99,5% a favor do partido governamental Golkar, não merecem igualmente a menor credibilidade.

CESSAR FOGO E RECOMEÇO DOS COMBATES

Mas a maior prova da falsidade destas tentativas e declarações e de que o povo Maubere não tinha escolhido o caminho da aceitação da integração deu-a a própria Indonésia ao aceitar, em 23 de Março de 1983 sentar-se à mesa com os dirigentes da Fretilin, em território sob contrôle destes, para conversações preliminares donde resultou um acordo de cessar fogo e onde aquele Movimento apresentou um Plano de Paz com vista a uma solução justa para o conflito. O ocupante reconhecia assim, de facto, que não só não tinha conseguido esmagar a vontade do povo Maubere de ser-lhe reconhecido o seu direito à autodeterminação como também reconhecia na Fretilin a expressão politica e militar dessa vontade.

Mas, contrâriamente ao que tinha sido acordado, Djakarta não informou o Secretário Geral da ONU da abertura das conversações, antes dando-lhes um carácter público de preparação da 'rendição dos últimos guerrilheiros ainda a monte'.

Em 16 de Agosto de 1983 o general Benny Murdani declarou: ' Acabou a brincadeira. Nada de piedade. As Forças Armadas utilizarão todos os meios ao seu alcance'.

Numerosos batalhões de élite, apoiados por um potencial militar desproporcional com a pretendida insignificância da guerrilha, desembarcou em Timor Leste enquanto numerosos civis eram feitos prisioneiros, torturados e dados como desaparecidos.

É o genocídio começado em 1975 que recomeça após cinco meses de cessar fogo, levando a Cruz Vermelha Internacional, perante a escalada indonésia, a tomar a decisão de suspender as suas funções no território, (excepto na ilha de Ataúro).

FALHANÇO DA NOVA OFENSIVA

Apesar dos meios utilizados a operação começada no mês de Agosto não teve mais sucesso que as anteriores. O seu término tem vindo a ser sucessivamente adiado desde

Outubro de 1983 e, incapazes de obter o sucesso pretendido contra a guerrilha, os militares indonésios voltam a sua impotência contra a população civil sob seu contrôle.

Não é a guerrilha que é atingida pelas operações militares indonésias. Esta escapa-lhes. O próprio general Murtopo confessou a um jornalista canadiano que os seus soldados 'disparam contra sombras'. São as populações que mais sofrem, as mesmas que o governo indonésio pretende fazer crer que ajuda na via do desenvolvimento. Mas apesar do rigoroso bloqueio imposto à entrada de observadores estrangeiros imparciais é possivel, mesmo assim, hoje dispôr-se já de um conjunto de informações que permitem avaliar do verdadeiro significado desse 'desenvolvimento'.

'Como sabe, desde o 8 de Agosto é que a situação piorou' escreveu Monsenhor Belo, Administrador Apostólico de Dili, ao seu predecessor Mons.da Costa Lopes a 16 de Fevereiro de 1984. 'Prenderam-se em todos os postos as pessoas (só em Dili 600 pessoas)'. O responsável da Igreja Católica assinala uma novidade relativamente à prática corrente desde 1975: as pessoas presas 'estão a ser julgadas em tribunais militares'. Mas 'não sabemos se estes tribunais são imparciais e se há advogados de defesa'.

'Só em Lospalos, diz ainda Mons. Belo , há dez batalhões e esses 'bapaks' não conseguem ganhar a guerra. Eles pensaram em arrumar o assunto até finais de Dezembro de 1983, mas já vamos em Fevereiro e o resultado da operação militar não se vê. Começaram a mobilizar de novo as populações civis... Ficamos admirados como neste país, com tantos batalhões, helicópteros, tanques, aviões e bombardeiros, ainda precisam do apoio do rayat'.

'A Cruz Vermelha Indonésia não entra nas prisões nem eu posso celebrar a eucaristia para os detidos políticos da Komarka' escreve ainda Mons. Belo que acrescenta: 'A Igreja é perseguida e acusada e as nossas escolas são revistadas e os alunos interrogados. A residência dos padres salesianos de Baucau foi selváticamente revistada pelos 'Nanggalos'.

Em carta de 22 de Março de 1984 um outro padre escreve: 'A situação está pesadíssima. A guerra continua. O genocídio da população deste verdadeiro campo de concentração continua. Cada povoação não é mais do que um curral, onde o militar vai escolher a quem matar ou torturar. Pagam altos preços a espiões para acusarem a quem desejam eliminar; esta é a forma de guerra espalhada por toda esta terra... Estão também furiosos porque a Igreja não chama a resistência para se render (e depois matarem-nos todos, como é costume); por isto três missões importantes sofreram muitas ameaças dos ocupantes e impediram o padre de se deslocar, prenderam os catequistas, espancaram professores e alunos das escolas das missões... Em várias povoações forçam o próprio povo a chacinar elementos da própria povoação; no entanto, poucos dias depois forçam a mesma população a fazer festas e fazer os gastos das festas. Não se pode imaginar o sadismo e o espírito mesquinho destes indivíduos.'.

Outra carta, esta de fins de Fevereiro, de meios religiosos de Timor Leste, relata: 'Um aluno da missão que frequentava o 'SMP' perdeu o pai e dois tios. Os três foram assassinados pelos militares. Então, aquele aluno, de nome Pedro, cheio de angústia e amargura foi lamentar-se ao comandante de Boina Vermelha 'Topi Merah'. Como resposta, os militares enfiaram uma corda no pescoço do Pedro e dependuraram-no numa árvore. E assim morreu enforcado aquele jovem de nome Pedro, aluno do 'SMP' da missão de Bobonaro, porque chorou a morte do pai'.

De Maio de 1983, também de um padre, outra carta conta: 'No momento actual está a ser mobilizada a população masculina para ir acompanhar os batalhões nas operações em curso; após os exames irão também os alunos das escolas. Na zona de Baucau o povo já foi posto em movimento. Toda a gente aqui sabe que tudo isto significa grandes massacres da população, mesmo dentro das povoações; a lista das pessoas que vão ser assassinadas é feita préviamente... Consta aqui que os militares querem afogar tudo isto em sangue nos próximos meses, para chegarem às Nações Unidas de cabeça erguida'.

Vários são os orgãos de informação internacionais idóneos que se têm feito eco das notícias vindas do território sobre as prepotências e as discriminações cometidas pelo ocupante indonésio sobre a população civil.

Gilles Bertin, correspondente da APP em Djakarta, relata no 'Australian' de 6 de Janeiro de 1984, em artigo intitulado 'Timorese Face Starvation as Military Operations Disrupt Food Productions':

'Entretanto as prisões têm continuado: 600 pessoas foram recentemente levadas para interrogatório em Dili, 125 em Baucau e 34 em Viqueque, disseram fontes bem informadas.

'Oito estudantes, entre 14-15 anos de idade, foram presos em Viqueque e mantidos por vários dias numa sala tão estreita que não podiam dormir disse uma fonte católica.

'Dezenas de pessoas, incluindo três crianças, foram levadas por raptores desconhecidos à civil, disseram aquelas fontes.

'Exprimiram o seu receio que aqueles raptados pudessem ter a mesma sorte que os 3.000 - 4.000 presumíveis criminosos que foram executados pelos 'assassinos misteriosos' que, desde Abril, têm actuado em todo o Arquipélago'.

A jornalista Jill Jolliffe, no 'Guardian Third World Review' de 10 de Fevereiro de 1984, narra:

'Todos os dias aviões e barcos desembarcam mais soldados, geralmente boinas vermelhas, e todos os dias mais timorenses são presos e levados, supõe-se que para Bali', conta António, chegado recentemente. Como a maior parte dos mauberes têm receio de falar livremente com medo de represálias sobre a sua família e pediu para o seu verdadeiro nome não ser mencionado . 'De acordo com António e outros refugiados,

a lei marcial foi imposta em Setembro e as tropas indonésias fizeram buscas casa-a-casa em Dili e prenderam os suspeitos de apoiarem a Fretilin. Comparam a actual situação com a invasão de 1975...'

'Os refugiados contam que a resistência aguenta-se bem embora a população civil sofra terrivelmente. Os boinas vermelhas estão a queimar sistemáticamente aldeias e vários massacres foram referenciados, tal como em Luca, no Sudeste, em Novembro, quando várias centenas de aldeões foram mortos'.

Por sua vez Madeleine Prowse, no 'South China Morning Post' de 11 de Março de 1984, em artigo intitulado 'Crónica da Brutalidade em Timor Leste', relata:

'Os refugiados que conseguiram fugir do território de Timor Leste controlado pela Indonésia relatam a brutalidade, repressão e fome numa escala sem precedentes desde que Djakarta lançou uma nova ofensiva no último Outono.

' Muitos refugiados têm relutância em falar da sua experiência. Aqueles que sairam com a ajuda da Cruz Vermelha Internacional tiveram de assinar um documento indonésio dizendo que aceitavam que se falassem sobre Timor Leste no exterior, as suas familias no território sofreriam.

'Os que escaparam ilegalmente vivem sob o terror do que acontecerá a suas famílias e aos que os ajudaram a fugir.

'Os refugiados disseram que os indonésios estão sistemáticamente a eliminar todos os simpatizantes da Fretilin e as suas familias até à quarta geração - avós e netos.

No seu último relatório sobre Timor Leste, a Amnistia Internacional citou um antigo membro dos serviços secretos indonésios sobre as torturas usadas sobre os prisioneiros antes de os matarem.

'Durante os interrogatórios eram em regra torturados, especialmente se os interrogadores pensavam que eram soldados ou dirigentes da Fretilin'.

'Seriam torturados com espancamentos, apangando-lhes cigarros na cara na região em volta da boca ou dando-lhes choques eléctricos, por vezes nos orgãos genitais' diz o relatório.

'A nova ofensiva governamental trouxe também milhares de civis indonésios ao território que se apoderaram de todos os postos chave da administração e do comércio numa tentativa de esmagar os oito anos de resistência maubere através da asfixia da sua cultura e língua'.

UMA PREOCUPAÇÃO CRESCENTE

É graças ao eco destes gritos de dor e revolta que conseguem passar através da muralha de silêncio erguida pelo ocupante indonésio que mais largos sectores da opinião pública mundial têm vindo a expressar a sua preocupação e solidariedade com a luta do povo maubere.

Em 17 de Novembro de 1983, a Conferência dos Bispos Indonésios, que inicialmente se mostraram favoráveis à integração, face à amplitude da resistência e dos massacres cometidos para a esmagar assumiram públicamente uma posição diferente numa carta dirigida ao clero timorense onde apelam ao respeito pelos direitos humanos em Timor Leste.

Os bispos portugueses por sua vez, silenciosos durante oito anos, reconheceram, em Março de 1984, que esta resistência é o sinal evidente da 'consciência de uma entidade nacional fortemente sentida e que não admite vêr-se reprimida e aniquilada'. Denunciaram também o genocídio 'não apenas um genocídio físico mas também um genocídio, digamos, cultural, este mais grave que o primeiro porque afecta tanto os que sobrevivem como os que morrem e não apenas as gerações presentes mas também as gerações vindouras'.

O Papa João Paulo II aproveitou a oportunidade da entrega de credenciais do embaixador indonésio acreditado no Vaticano para afirmar que 'a Santa Sé continua a seguir a situação com preocupação e com esperança de que será dada particular consideração, em todas as circunstâncias, à identidade cultural, religiosa e étnica do povo de Timor Leste'.

O Secretário de Estado norteamericano George Shultz, ao avistar-se com o ministro indonésio dos Negócios Estrangeiros, comunicou-lhe o conteúdo de uma carta assinada por 123 membros do Congresso Americano, democratas e republicanos, onde são evocadas as violações dos Direitos do Homem em Timor Leste.

O editorial do 'New York Times', intitulado 'Uma Prisão Chamada Timor Leste', lembra que 'a Indonésia ofendeu triplamente. Invadiu Timor Leste em 1975, um ano mais tarde anexou o território e, sob a sua administração, desde essa data mais de cem mil timorenses, um sexto da população, maioritáriamente católica, terá morrido de fome, de doença e combatendo'.

No Congresso do Partido Trabalhista Australiano, realizado em Julho de 1984 em Camberra, foi aprovada uma resolução onde este partido 'manifesta a sua preocupação pela situação vivida em Timor Leste', considerando 'preocupante o reacender da luta em Timor Leste e as ameaças à vida humana e segurança no território'.

Compreende-se assim, perante estas tomadas de posição, quão importante é para o ocupante manter Timor Leste isolado do mundo, manter Timor Leste transformado numa prisão.

Por isto, uma exigência fundamental na defesa dos Direitos do Homem é pôr um fim imediato ao isolamento de Timor Leste, abrir o território a equipas de ajuda humanitária e a organizações internacionais, a jornalistas independentes e a missões religiosas.

Será este, sem dúvida, um primeiro passo para o conhecimento, por parte da comunidade das nações, da realidade existente naquele território para assim poder inquirir

localmente, junto do próprio povo maubere, se foi satisfeita uma outra reivindicação fundamental dos Direitos do Homem: o direito à autodeterminação. E como disse Mons. Martinho Lopes ao Comité dos Bispos Católicos Americanos Para o Desenvolvimento Social e a Paz Mundial: 'Na ausência de uma verdadeira autodeterminação e independência... a guerra e a miséria em Timor Leste continuará indefinidamente.

Acreditamos que a Comissão para os Direitos do Homem saberá assumir como suas as justas aspirações do povo maubere a uma vida pacífica e livre.